

UM DIÁLOGO DOS MORTOS À BRASILEIRA

Iasmim Santos Ferreira (UFS/CAPES)¹

Resumo: Há entroncamentos entre a produção de Machado de Assis e a tradição luciânica, que sucede à sátira menipéia. Segundo os estudos de Sá Rego (1989) e de Brandão (2001), muitas das características dessa linhagem estão presentes nos escritos de Machado, como: o pessimismo, a ironia, o olhar distanciado do *Kataskopos*, o ceticismo, a paródia. Por esse prisma, investigamos as relações que se estabelecem e os sentidos engendrados entre o conto “Entre santos” (1896), de Machado, e o *Diálogo dos mortos*, de Luciano.

Palavras-chave: conto machadiano; tradição luciânica; *Diálogo dos mortos*.

“Influência em cascata”: da sátira menipéia aos escritos machadianos

Machado de Assis tornou-se afamado pela produção de contos e de romances, sobretudo, pelos da fase realista. Seus escritos são conhecidos também pela relação dialógica que estabelecem com os de outros autores. Inicialmente, a crítica literária concebia essa relação como “cópia”, no entanto com o passar dos anos, a crítica compreendeu como um modo de produção de Machado, que se alinha a outros autores por finalidade intelectual. O estudioso Sérgio Paulo Rouanet, em *Riso e Melancolia*, considera uma “influência em cascata”, na qual um influencia ao outro, o que gera produções concatenadas, numa espécie de elo entre Sterne, Xavier de Maistre, Diderot, Almeida Garret e Machado de Assis (2007, p. 21). Machado é o último desse elo e, portanto, dialoga com todos que o precedeu. Todavia, as raízes dessa influência em cascata estão na antiga sátira menipéia. Uma tradição satírica atribuída a Menipo de Gadara, uma zombaria que rejeita a moral. Segundo Enylton José de Sá Rego em *O calundu e a panaceia* (1989), há poucas informações sobre Menipo. No entanto, ele deixa um legado a Luciano de Samósata que apreende e constrói o seu tipo satírico, denominado de “tradição luciânica”, não só apreende o modo de satirizar, mas também devota a Menipo um lugar especial em seus escritos, logo, esse passa a ser personagem em alguns dos escritos de Luciano, como é o caso do *Diálogo dos mortos*, sendo-o personagem principal. Conforme Sá Rego (1989), são características dessa tradição: o questionamento genérico, o estilo fragmentário, a paródia e o nacionalismo, o caráter não-moralizante, as citações truncadas, o ponto de vista distanciado do *Kataskopos* (observação distanciad

¹ Graduada em Letras-Português (UFS), Mestranda em Estudos Literários (UFS), Bolsista (CAPES). Contato: iasmimferreira20@gmail.com.

do objeto analisado). Essas características são observadas na obra de Machado por outros estudiosos com outras nomenclaturas e sem relação direta com a tradição luciânica, exceto Sá Rego e Jacyntho Lins Brandão em “A Grécia de Machado de Assis” (2001). Luciano se apropriou da forma de diálogo, herdada da filosofia, e uniu à comédia, construindo diálogos sério-cômicos numa espécie de “filosofia que ri da filosofia”. Machado se alinha ao modo luciânico ou à “Grécia de Luciano” (como afirma Brandão) e alimenta-se das características da tradição e da própria produção de Luciano. Desse modo, as crônicas “Parasita” (I e II) retomam *O Parasita*, de Luciano. O conto “Teoria do Medalhão” menciona diretamente o próprio Luciano. O conto “Entre santos” (1896) recobra o *Diálogo dos mortos*, de Luciano, como observa Brandão (2001, p. 358). Assim, para apreciação analítica neste estudo, faremos uma comparação entre esses dois últimos a fim de compreender quais relações se estabelecem, quais os recursos utilizados e os sentidos engendrados a partir desse diálogo dos mortos à brasileira.

Um diálogo dos mortos à brasileira

O *Diálogo dos mortos*, de Luciano de Samósata, é uma conversa entre reis, guerreiros, filósofos, retores; todos mortos. Menipo, personagem principal, é convidado por Diógenes para descer até o Hades. Esse convite não é em vão, visto que Menipo é um grande zombeteiro que tem por premissa atacar as preocupações da humanidade. Sua cantoria provoca aos seus ouvintes, e a nós leitores, a fim de fazer-nos enxergar a finitude da vida: “Quem sabe com certeza das coisas de além-vida?” (LUCIANO, *Diálogo dos Mortos*, p. 45).

Menipo vai ao Hades, pois lá há garantia do riso graças ao rebaixamento de todos: “os ricos, os sátrapas, os tiranos”, na condição de “rebaixados e insignificantes”, “reconhecidos apenas pela lamentação”, e todos presos à vida terrena, recordando a todo tempo das experiências vividas. Uma das características da comicidade é o rebaixamento, conforme aponta o filósofo Henri Bergson em *O Riso* (2007, p. 43). O rebaixamento, como é mostrado no diálogo, consiste numa alerta para a fugacidade da vida. Atrelado à abordagem bergsoniana, o riso é um meio de correção grupal, com isso o diálogo inicia-se alertando sobre valores e preocupações com a vida, numa mistura entre filosofia e comédia, como é próprio da tradição luciânica. Vale mencionar que ao final de seu estudo, Bergson (2007, p. 129) conclui ser a vaidade o maior de todos os vícios, sendo os demais

apenas desdobramentos dela. No *Diálogo dos mortos* podemos notar a exibição e ataque a vaidade por meio de uma profunda zombaria.

No diálogo, Menipo é apresentado como feio, liberto da vaidade das belas roupas e etiquetas formais, sua roupa é velha e cheia de remendos. A descrição feita por Diógenes sobre Menipo, para que Pólux pudesse identificá-lo, chega a considerá-lo uma criatura horrenda: “Ele é velho, careca, tem um pequeno manto todo esburacado, esvoaçando a qualquer vento; e multicolorido, por causa da superposição dos remendos. Ele está sempre rindo e, na maior parte do tempo, zombando daqueles filósofos charlatães” (LUCIANO, *Diálogo dos Mortos*, p. 47). No entanto, ele está acima dos filósofos, pois consegue ao invés de discutir filosofias gastar boa parte do seu tempo rindo, zombando daqueles que se consideram mais sábios. E a feiura também é uma das características da comicidade (BERGSON, 2007).

Além de apontar para a zombaria em triunfo da filosofia, sendo Menipo mais sábio e bem-vindo que os filósofos, o diálogo desdobra uma série de reflexões acerca do valor dado à vida e ao domínio dos bens sobre o homem. Além de emitir recados aos ricos, ele ataca outros matizes da vaidade: a beleza e a força. Menipo também dá conselhos aos pobres, a fim de mostrar e criticar a disparidade entre ricos e pobres na vida terrena e exibir o triunfo da igualdade no Hades. Hermes adjetiva Menipo como “alguém absolutamente livre. De nada se preocupa” (LUCIANO, *Diálogo dos Mortos*, p. 55); um ser que vive a cantarolar, em seus lábios se encontram a máxima de Delfos: “conhece-te a ti mesmo” (LUCIANO, *Diálogo dos Mortos*, p. 61). Por conseguinte, é capaz de contra-atacar os mortos que ainda estão profundamente vinculados à vida que tiveram, com isso revelam que não se conhecem ao desconhecerem a finitude da existência.

O diálogo apresenta uma variedade de temas: a inveja, a beleza física, a sabedoria, o poder, a construção dos heróis, a filosofia, a retórica, a morte, o apego ao dinheiro. E sobre esse, Caronte alerta a Hermes, ao dizer: “É que o dinheiro, Hermes, é uma das coisas mais desejáveis” (LUCIANO, *Diálogo dos Mortos*, p. 123). Ademais, é sobre essa temática que Machado se debruça no conto “Entre santos”, publicado em 01 de janeiro de 1886 na *Gazeta de Notícias*. Narrado em 1ª pessoa do singular, numa espécie de remonte da memória de um capelão de São Francisco de Paula, município do estado brasileiro do Rio Grande do Sul. Num deslocamento temporal, como próprio de Machado de Assis em seus romances realistas, o conto narra uma lembrança de um ocorrido

misterioso num templo na cidade de São Francisco de Paula. Sob suspense, o capelão conta que numa noite, ao ver se as portas da igreja estavam bem fechadas, percebe luzes acesas que não são de lanternas. O velho capelão encontra-se sozinho na missão de desvendar o mistério, já que o sacristão estava em Niterói. Não só a luz assustava, mas também as conversas que ouvia. Então, ele começou a pensar que poderia ser um diálogo de defuntos, visto que, nessa época, sepultavam os cadáveres nas igrejas.

A voz narrativa revela ter perdido o medo e a reflexão, passando então a contemplar a conversação dos santos. De um lado são José e são Miguel, do outro são Francisco de Sales e são João. Não é sem motivação que Machado escolhe-os como personagens, são santos relevantes para a fé católica. São José, pai de Jesus, é adorado pela igreja católica e considerado padroeiro dos pobres. São Miguel ou Arcanjo Miguel tem representatividade também fora da redoma cristã, considerado mensageiro, guerreiro e símbolo de Deus. São Francisco de Sales foi um grande nome na fé católica durante o período da reforma protestante, um bispo atuante em Genebra no século XVII, autor do livro *Introdução à Vida Devota*. São João é um preparador dos caminhos de Jesus na terra, conhecido como João Batista.

Machado de Assis propõe um diálogo ficcional entre esses santos católicos à moda luciânica. Nesse diálogo, os santos têm características humanas, virtudes e defeitos, mais os segundos que os primeiros. No decorrer do conto, o narrador exhibe os santos como curiosos, altivos, preconceituosos, ou seja, semelhantes aos homens; porém, com uma diferença: podem vê-los intimamente e julgá-los. Essa vazão dos pensamentos dos santos, por via ficcional, constrói outra face da crença, não pela perspectiva dos fiéis, mas pela das divindades.

Os santos são tomados como “terríveis psicólogos” e desmembram os fiéis no mais profundo de seus pensamentos e sentimentos. Machado atribui a são João Batista e a são Francisco de Paula o caráter de mais severos e a Francisco de Sales o de mais indulgente. Com isso, mostra diferenças entre eles, como entre as pessoas “comuns”, severos e brandos, e os julgamentos feitos a outrem como faz a sociedade. As confissões dos santos funcionam também como um mecanismo de desvelar a interioridade das pessoas que se expõem nas preces, pois são circunstâncias que se sentem ouvidas e têm suas afirmações sob sigilo. Ao passo que as confissões deles mostram o pensamento da moral social e religiosa, nesse caso cristã, que tende a reprimir as vontades alheias.

O conto se coloca numa narração crescente, na qual os santos vão relatando os perfis e os comportamentos dos fiéis. Segundo a voz narrativa, alguns “casos de fé sincera e castiça, outros de indiferença, dissimulação, versatilidade” (ASSIS, 2015, p. 441). Apesar do “nojo” sentido pelos outros santos diante das faltas dos fiéis, são Francisco de Sales “recordava-lhes o texto da Escritura: muitos são chamados e poucos os escolhidos” (Ibid., p. 441). No entanto, João Batista confessa: “vou criando um sentimento singular em santo: começo a descrever dos homens” (2015, p. 440). Machado coloca os santos numa disputa sobre a humanidade ser boa ou má, se é possível haver fé e proceder “corretamente”, consoante aos padrões sociais e religiosos. Além de inverter a crença, agora são os santos que creem ou descreem dos homens, não mais os homens que creem ou descreem neles. Nessa disputa ficcional, são Francisco Sales representa o pensamento positivo, esperançoso, e os demais santos posições pessimistas. O pessimismo vence o positivismo, na verdade, Machado coloca, inicialmente, são Sales como o piedoso, no entanto no decorrer do conto ele se mostra pessimista como os demais santos. É, portanto, uma jogada irônica.

São Sales responde ao pessimista João Batista, propondo que desconte a parte ruim dos homens e restará algo bom. Machado constrói um jogo de ironias para confrontar a conjuntura do ser, com isso leva-nos à reflexão: é possível descontar a maldade e restar ainda algo de benéfico na humanidade? À moda luciânica, Machado ataca a vaidade da humanidade e exhibe-a pelas impressões e julgamentos dos santos católicos.

A narração é dividida pelo capelão, que conta a conversação entre os santos, e por são José e são Francisco de Sales, ao retratarem dois casos particulares. São José revela a situação de uma “adúltera”, que havia brigado com o namorado e foi até ele para limpar “o coração da lepra da luxúria”, com o objetivo de abandoná-lo, busca o santo. Todavia, são José faz uma leitura descortinada de suas verdadeiras intenções, não há como ludibriá-lo. Ele nota como sua prece desfalece pouco a pouco: “Já a oração era morna, depois fria, depois inconsciente; os lábios afeitos à reza, iam rezando; mas alma, que eu espiava cá de cima, essa já não estava aqui, estava com o outro” (ASSIS, 2015, p. 442). Machado dispõe a humanidade vivaz na divindade. Causa a impressão de uma análise profissional a despeito da situação daquela mulher, e não a fala de um santo, a quem ela recorre. No entanto, a postura de são José parece-nos um espelhamento da posição humana frente à dor de outrem, carregada de julgamento. À medida que o santo espelha o comportamento

humano, também nos instiga a pensar sobre a função e a importância da religião, senão é mesmo o de tolher comportamentos e permitir a evasão de desejos e desvios de padrões sociais por meio das preces? Seria a prece um meio para o ser dialogar consigo mesmo?

O narrador-personagem faz uma reflexão de si enquanto ser humano diante dos santos, de como esses poderiam vê-lo. Assim, “Aqui fiquei com medo; lembrou-me que eles, que veem tudo o que se passa no interior da gente, como se fôssemos de vidro, pensamentos recônditos, intenções torcidas, ódios secretos, bem podiam ter-me lido já algum pecado ou germe de pecado” (ASSIS, 2015, p. 442). É interessante como a possibilidade de ser visto por alguém que visualize o ser na mais completa interioridade faz com que se tema a visão do outro, ao tempo que também se reconheça no mais profundo. O narrador se espelha pela visão do que os santos poderiam ver de si e como num “vidro”, ele mesmo percebe seus “pensamentos recônditos, intenções torcidas, ódios secretos” e até o “germe de pecado”, ou seja, aquilo que nem se tornou pecado concreto ainda. Ver-se a partir do olhar do outro é reconhecimento e construção de si mesmo. Machado toca nessas questões subjetivas e psicológicas do ser humano por meio da experiência de um narrador que presencia a conversa de santos.

Outro caso particular é contado por São Francisco de Sales. Trata-se de um homem de cinquenta anos que tem sua esposa acometida de erisipela na perna esquerda. Machado faz um gracejo: nomeia tal homem igual ao santo, também se chama Sales. Para contar a vida desse homem, São Sales recorre aos gracejos e diz que seu xará é “usurário como a vida, e avaro, como a morte” (ASSIS, 2015, p. 442). Alguém incapaz de gastar um centavo que seja. Seu único lazer é contar anedotas, porque é um prazer gratuito. A fala do santo é marcada de gracejos para aliviar o leitor da estória trágica e para apontar o cômico como alívio na vida da personagem. A família do avaro é composta dele, da esposa doente e de uma mulher escravizada, adquirida por contrabando, e quando essa falece é enterrada como pessoa livre e miserável para não ter custos com a sepultura. Sales é um homem extremamente apegado ao dinheiro, ao ponto de trocar valores éticos por monetários, prova disso: o contrabando e o sepultamento da pobre mulher.

A estória do Sales avaro mostra muitas questões das relações com o dinheiro. Ele promete ao santo que se curasse a sua esposa daria, então, uma “perna de cera” como símbolo da graça alcançada. No entanto, pela crença católica, o santo ocupa uma posição elevada em comparação aos seres humanos, e, por isso, faz a leitura do que realmente

desejava aquele pecador: “Despender é documentar” (ASSIS, 2015, p. 443). A morte da esposa traria despesas com documentos e sepultura, portanto, pagar uma perna de cera seria menos custoso, e ainda teria a esposa viva. Ironicamente, São Sales diz que aquele homem amava a doente. “Naquele muro aspérrimo brotou uma flor descorada e sem cheiro, mas flor. A botânica sentimental tem dessas anomalias” (ASSIS, 2015, p. 443). Machado, por meio desse enlace amoroso, engendra sentidos para que pensemos se de fato Sales amava a esposa ou se essa disputava espaço com o amor ao dinheiro.

A construção da conversação entre os santos é também um meio para criticar a sociedade fora dela, como é próprio dos escritos machadianos. A criação de uma voz narrativa de um defunto em *Memórias póstumas de Brás Cubas* nada mais é que uma construção ficcional para poder observar e criticar determinadas posturas sociais fora da redoma dessa sociedade, pela voz de alguém que já não estava vivo. Os santos são vozes fora da realidade concreta e, mais, são observadores mais precisos que qualquer outro, pois veem a tudo e a todos. Esse modo de observar distanciado do objeto é chamado por Sá Rego (1989) de ponto de vista distanciado do *Kataskopos*; vinculado à tradição luciânica, Machado apreende o prisma de Luciano: ver ao longe.

A relação de Sales com o dinheiro reflete em vários aspectos de sua vida, dentre eles, na sua crença. São Sales diz que ele “Não entrou nunca em irmandades e ordens terceiras, porque nelas se rouba o que pertence ao Senhor; é o que ele diz para conciliar a devoção com a algibeira” (ASSIS, 2015, p. 443). Numa crítica dupla as instituições, que sofrem extorsões e desviam o curso das doações, e ao apego dos fiéis ao dinheiro, que contraria aos princípios da fé cristã, na qual o dinheiro não pode ser senhor do fiel. Sales é um reflexo do homem no confronto entre o seu desejo avaro e a devoção católica. Desse modo, qual o deus a quem esse serve? Como funciona a fé em Deus diante do capital?

No ar, diante dos olhos, recortava-se-lhe a perna de cera, e logo a moeda que ela havia de custar. A perna desapareceu, mas ficou a moeda, redonda, luzidia, amarela, ouro puro, completamente ouro, melhor que o dos castiçais do meu altar, apenas dourados. Para onde quer que virasse os olhos, via a moeda, girando, girando, girando. E os olhos a apalpavam, de longe, e transmitiam-lhe a sensação fria do metal e até a do relevo do cunho. Era ela mesma, velha amiga de longos anos, companheira do dia e da noite, era ela que ali estava no ar, girando, às tontas; era ela que descia do teto, ou subia do chão, ou rolava no altar, indo da Epístola ao Evangelho, ou tintilava nos pingentes do lustre. (ASSIS, 2015, p. 443)

São Sales penetra os pensamentos de Sales, adentra com profundidade e observa como a moeda ganha uma dimensão concreta da vontade desse homem, de modo que a ideia da perna de cera esvai-se e a moeda de ouro puro é resguardada. São Sales contraria-se por causa dos castiçais apenas dourados. Assim, revela um comportamento também impregnado pelo apego ao dinheiro, contrastando com a posição de um santo e com a crítica que faz ao seu devoto. A moeda transmite ao tato a frieza e relevo do metal, é uma velha amiga e companheira incansável de Sales, não é em vão que a vê girando diante de si. A descrição afetuosa que faz São Sales da relação de Sales com a moeda demonstra o valor afetivo atribuído ao dinheiro, suplantando a crença e o amor a esposa.

No decorrer do conto, São Sales exhibe a oscilação que sofre o pobre homem escravo da moeda, tem alucinações e é perseguido pelos fantasmas da promessa, da possibilidade de cura da mulher amada e da perda da moeda. Dessa maneira, numa linguagem comercial, o santo afirma: “o demônio da avareza sugeria-lhe uma transação nova, uma troca de espécie, dizendo-lhe que o valor da oração era superfino e muito mais excelso que o das obras terrenas” (ASSIS, 2015, p. 444). A ironia presente pelo uso da linguagem mercadológica e pela transposição de valores, maquia o valor da oração, que passa a ser valorada acima das obras terrenas, não por ser considerada desse modo, mas para resolver o conflito da personagem, encontrando uma resposta louvável para ludibriar a si mesma e poder fazer a sua vontade avara. Ao invés de uma perna de cera, 1000 padre-nossos e mil ave-marias. O santo narra a solução angariada pelo seu devoto com intensificação, utiliza de repetições para demonstrar os conflitos da personagem: “1000-1000-1000”, “trezentos, trezentas, trezentos”, “ia morrer... ia morrer... ia morrer” (ASSIS, 2015, p. 443-444).

São Sales encerra seu caso, realmente complexo, com boas risadas dos santos. “E os outros santos riram efetivamente, não daquele grande riso decomposto dos deuses de Homero, quando viram o coxo Vulcano servir à mesa, mas de um riso modesto, tranquilo, beato e católico” (ASSIS, 2015, p. 444). Conforme mostra Brandão em “A Grécia de Machado de Assis” (2001), Machado tem uma Grécia que não é de qualquer grego, mas a de Luciano, ou seja, incorpora características, fatos, estórias, perspectivas à luz da tradição luciânica ou da Grécia de Luciano. O riso dos santos aqui difere do riso que os deuses tiveram ao ver Vulcano ou Hefesto, o deus manco. Machado retoma essa cena retratada na *Ilíada* para fazer um paralelo entre os risos “elevados”, provindos de deuses

ou santos. No caso desses últimos, não se trata de um riso que zomba de uma deformidade física, mas um riso que satiriza a deformidade da “alma” ou da consciência. A imagem dos santos como ridentes é um golpe do riso na construção machadiana. Segundo o historiador Georges Minois (2003, p. 111-154), a igreja romana proibiu o riso durante a Idade Média e atribuiu-o à figura do diabo. No entanto, no conto, o riso é estampado nos lábios dos santos ao rirem da maldade dos homens. Um riso que funciona duplamente, exercendo duas características peculiares e distintas do cômico: o alívio das tensões e a correção grupal. A primeira foi comprovada pelos estudos de Sigmund Freud na descoberta do inconsciente no ensaio *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1977), sendo-o um instrumento de escape das pressões. A segunda pode ser vista à luz do filósofo Henri Bergson, na obra *O Riso* (2007), na qual versa sobre o riso na perspectiva de corrigir a sociedade de comportamentos concebidos como inadequados; ao rir, ridiculariza tais procedimentos. O riso dos santos serve para aliviá-los das tensões, ao refletirem sobre o comportamento de seus fiéis, ao tempo que demonstra a reprovação de suas ações. Bergson (2007) diz ser preciso certo distanciamento para conseguir rir de outrem, sendo o riso um elemento humano e social, que se dirige à inteligência. Assim, os santos riem porque estão num patamar elevado, distanciado dos fiéis, saboreiam do riso entre eles. Depois de relatar esses ridentes, o narrador acorda do sonho, eximindo-se dos fatos relatados.

Machado, um “cético desabusado” tal qual Luciano de Samósata, não está preocupado em refletir sobre a fé em si, mas sim em escrever nas lacunas deixadas nos diálogos, em pensar e criar uma voz para a parte silenciada. Semelhante trabalho desenvolve no conto “Lágrimas de Xerxes”, no qual propõe um diálogo entre Romeu e Julieta, um clássico de William Shakespeare, e o frei Lourenço. Quanto a essa relação Brandão afirma: “De um lado, temos Machado de Assis que escreve nos silêncios do que escrevera Shakespeare; de outro, a personagem de Machado que fala nos silêncios do que falara Heródoto” (2001, p. 3). O crítico marca a relação dialógica machadiana que fala para suprir o silêncio da tragédia de Shakespeare e o silêncio do grego Heródoto, assim as lágrimas de Xerxes passam a ser um sinal no céu para o casal e toda a epifania do conto desemboca em sarcasmo (BRANDÃO, 2001). O interesse de Machado em escrever nesses silêncios também é evidenciado no conto “Entre santos”.

Alinhado à tradição luciânica, Machado demonstra consciência de ficcionalidade como o próprio Luciano de Samósata. Em nosso *corpus*, a voz narrativa mostra-se consciente do ato de narrar e afirma: “Não posso descrever o que senti” (ASSIS, 2015, p. 440). Noutro momento, o narrador justifica o modo de narrar a estória dos Sales, a fim de mostrar a impossibilidade de narrar como ouviu, pois, era uma descrição “longa”, “miúda” e “complicada” (ASSIS, 2015, p. 443). Em consonância ao pensamento de Brandão (2015) sobre a ficcionalidade, reconhecemos nesse diálogo uma consciência ficcional que torna a criação ciente do seu papel e direção ideológica, explicitando os caminhos escolhidos e estabelecendo diálogo com o leitor.

O *Diálogo dos mortos*, de Luciano, tem como personagem principal Menipo, que ataca as vaidades dos outros, boa parte de suas falas diz respeito a acontecimentos e a características das pessoas que ele encontra no Hades, sendo sua voz a mais preponderante em todo o diálogo. Já no conto “Entre santos”, de Machado, o narrador personagem, o velho capelão, conta a maior parte da estória e divide esse espaço de fala com os dois santos que narram os casos particulares. São Francisco de Sales conta o mais intrigante e longo dos casos, ocupando um espaço considerável de fala. O santo, assim como Menipo, satiriza as atitudes dos homens, nesse caso não diante da morte, mas da vida corriqueira, não no Hades, mas numa igreja. A construção ficcional machadiana, semelhante à de Luciano, reside numa figura zombeteira, que se encontra acima dos demais humanos, são Sales, e consegue discutir com distanciamento os problemas da existência por causa dos valores e princípios sociais, sobretudo, o apego ao dinheiro. No caso do santo é uma zombaria polida que reside em ironia, pois contra-ataca do mesmo modo que Menipo, porém com duas distinções: não fala diretamente ao fiel (como Menipo fala aos andantes no Hades) e sua zombaria é beata. Nisso reside a grande ironia do conto: um santo que julga ferozmente o fiel. Nele não há piedade, há, pelo contrário, elevação de espírito, ao ponto de dizer: “Deus tinha de salvar a doente, por força, graças à minha intervenção, e eu ia interceder” (ASSIS, 1886, p. 443). A salvação da mulher doente se daria graças à intervenção de São Sales e ele exibe essa certeza, numa dimensão de obrigatoriedade por parte de Deus em socorrê-la devido à sua intervenção. No entanto, isso não é uma petulância para um santo que deveria ser piedoso e humilde? Ele revela não crer mais nos homens. Um santo homem ou um homem santo que já não se compadece de quem o busca, julga-o e se coloca numa posição elevada. Todavia, julga

ao seu xará por ser um avaro, ao passo que também reclama dos seus castiçais que não são de ouro, são apenas dourados (ASSIS, 1886, p. 444). Assim, Machado constrói, sob a ironia, um santo zombeteiro ou um zombeteiro santo tolhido pelo aspecto de beato. Uma atualização de um Menipo à brasileira.

Ademais, Sá Rego ao observar a obra de Machado em comparação à de Luciano, localiza uma menção ao *Diálogo dos Mortos*. Num texto publicado por causa da morte de Eduardo Prado em 30 de agosto de 1901. Segundo Sá Rego, Machado diz: “Conta-se que Eduardo Prado chorou, quando morreu Eça de Queirós. Agora, que ambos são mortos, alguém que imaginasse e escrevesse o encontro das duas sombras, à maneira de Luciano, daria uma curiosa página de psicologia” (1989, p. 91-92). E é exatamente sob o prisma fecundo da imaginação que Machado escreve um encontro entre santos católicos ao modo luciânico, sendo uma “página de psicologia” como sugere para algum escrito que promovesse o encontro dos mortos, Eça e Eduardo Prado. Essa menção ao diálogo de Luciano, localizada por Sá Rego, é mais uma pista do conhecimento de nosso autor sobre a produção do sírio helenizado e como essa repercute em seus escritos.

Considerações finais

O conto “Entre santos” promove uma atualização do *Diálogo dos mortos*, de Luciano de Samósata. Ambos têm zombeteiros que estão acima dos demais homens, Menipo e São Sales, atacam a vaidade humana, estão em espaços distanciados da vida corriqueira (no Hades e na igreja, na posição de inacessíveis), são capazes de penetrar nos pensamentos e sentimentos de outrem (andantes no Hades e fiéis na igreja). No entanto, o riso de Menipo é escancarado, aberto e livre, já o dos santos é contido. Todo o conto é marcado pela construção irônica: os santos são pessimistas, até mesmo São Sales, que se mostra otimista inicialmente, têm mais vícios que virtudes, descem dos nichos para falarem mal dos fiéis, representam um espelhamento humano e psicológico, expõem os limites da moral social, penetram nas intenções e sentimentos humanos, por fim, os santos são ridículos, contrastando com a perspectiva beata católica, e nisso Machado arremata o conto. Em suma, Machado incorpora características da tradição luciânica e amplia um dos subtemas do *Diálogo dos mortos*: o dinheiro. Com isso, engendra muitas discussões como as relações crença e dinheiro, amor e dinheiro, santos e homens, prece e graça; construindo assim, um verdadeiro diálogo dos mortos à brasileira.

Referências

ASSIS, Machado de. Entre santos. 1894. In: **Machado de Assis: obra completa em quatro volumes**. Org. Aluizio Leite, Ana Lima Cecílio, Heloisa Jahn. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 2015. (v. 2)

BERGSON, Henri. **O Riso**. Tradução Ivone Castilho Benedetti – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007 – (Coleção Tópicos).

BRANDÃO, Jacyntho Lins Brandão. A Grécia de Machado de Assis. In: MENDES, Eliana Amarante de Mendonça; OLIVEIRA, Paulo Motta; BENN-IBLER, Veronika. **O novo milênio: interfaces linguísticas e literárias**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2001. p. 351-374.

FREUD, S. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Tradução: Margarida Salomão. 1ª Edição, Vol. VIII. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

MINOIS, Georges. 1946. **História do riso e do escárnio**. Tradução Maria Elena O. Ortiz Assumpção. – São Paulo: Editora UNESP, 2003.

ROUANET, Sergio Paulo. **Riso e melancolia: a forma shandiana em Sterne, Diderot, Xavier de Maistre, Almeida Garrett e Machado de Assis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SÁ REGO, E. José de. **O Calundu e a panaceia: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989. 193 p. Coleção “Imagens do Tempo”.

SAMÓSATA, Luciano de. Séc II. **Diálogo dos mortos: versão bilíngue grego/português**. Tradução, introdução e notas de Henrique G. Murachco. São Paulo: Palas Athena: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.